

**Um estudo sobre a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE)
em Videoaulas em Plataforma de Ensino a Distância**

***A Study of the Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing (SDH)
in Video Lessons in Distance Learning Platform***

Renatta Pires Franco

Universidade Estadual do Ceará
renatta.franco@aluno.uece.br

<https://orcid.org/0000-0002-7736-6604>

Igor Pereira Ribeiro dos Santos

Universidade Federal do Ceará
igor_prds@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6229-7055>

Élida Gama Chaves

Universidade Estadual do Ceará
elidagama@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4142-6019>

Resumo: A Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) é uma modalidade de tradução audiovisual acessível, que difere das legendas para ouvintes (LO) pela indicação dos falantes e de efeitos sonoros. A plataforma XXXX vem implementando a LSE nas videoaulas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), de modo a acessibilizar o material produzido para o público surdo. Para a elaboração da LSE, utilizamos o programa Subtitle Workshop 6.0b e os parâmetros de legendagem disponíveis no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (2016), doravante Guia. Nele, há orientações para profissionais que trabalham na área, fundamentadas por teóricos em legendagem (IVARSSON e CARROLL, 1998; KARAMITOGLOU, 1998; DIAZ-CINTAS e REMAEL, 2007; NEVES, 2007) e por pesquisas acadêmicas (ARAÚJO e NASCIMENTO, 2011; CHAVES, 2012; GABRIEL, 2013; ARAÚJO e ASSIS, 2014; ARRAES, 2015; FRANCO e CHAVES, 2015; ARAÚJO, 2015; VIEIRA et al, 2015) que fundamentaram também este estudo. O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de readequação dos parâmetros utilizados na elaboração da LSE de videoaulas produzidas para o AVA da referida plataforma, para que o conteúdo possa atender às necessidades das pessoas surdas e ensurdidas. Como resultados, entendemos que essa readequação que fizemos nos parâmetros estabelecidos da LSE é uma proposta. Portanto, se faz interessante a replicação desses novos parâmetros em futuras pesquisas, de modo a verificar se a problemática da densidade de conteúdo se repete em outros materiais audiovisuais voltados para a educação. Esse é um modo de se obter respostas, para que se aceite os parâmetros que propomos ou mesmo que se proponham novos.

Palavras-Chaves: Tradução Audiovisual Acessível. Legendagem para Surdos e Ensurdidos. Videoaulas.

Abstract: *Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing (SDH) is an accessible audiovisual translation modality, that differs from the subtitles for listeners by identifying the speakers and the sound effects. Accessible Learning platform has been implementing SDH in video lessons in its Virtual Learning*

Environment, in order to make the material produced accessible for the deaf audience. In the making of the SDH, Brazilian subtitlers use the software Subtitle Workshop 6.0b and the parameters available in the Guide for Affordable Audiovisual Productions (2016). In this guide, there are guidelines for professionals working in the field, based on subtitling theorists (IVARSSON and CARROLL, 1998; KARAMITOGLOU, 1998; DIAZ-CINTAS and REMAEL, 2007; NEVES, 2007) and academic research (ARAÚJO & NASCIMENTO, 2011; CHAVES, 2012; GABRIEL, 2013; ARAÚJO and ASSIS, 2014; ARRAES, 2015; FRANCO and CHAVES, 2015; ARAÚJO, 2015; VIEIRA et al, 2015) that also supported this research. The purpose of this article is to present a proposal of readjustment of the parameters used in the making of the SDH for video lessons produced by the referred platform, so that the content can meet the needs of deaf and hard-of-hearing people. As a result, we understand that this readjustment that we made in the established parameters for SDH is a proposal. Therefore, we recommend further researchers to replicate these new parameters, so that they can verify if the problematic density of content repeats itself in other audiovisual material targeted to education. That way, it is possible to have answers, whether to accept the parameters that we propose here, or even to propose new ones.

Keywords: Audiovisual Translation. Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing. Video Lessons.

Introdução

De acordo com o Censo Demográfico 2010, o último censo do IBGE, existem 45.606.048 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência – a saber, visual, auditiva e motora. Esse número representa 23,9% da população do Brasil, dentro do qual 5,1% possui deficiência auditiva. Sendo assim, existe uma parcela da população brasileira que tem dificuldade de usufruir da educação nos modelos convencionais.

Com o reconhecimento da Libras como língua da comunidade surda brasileira pela Lei nº 10.436, promulgada em 2002, a inserção de intérpretes em salas de aulas se constituiu um direito linguístico dos alunos surdos. Entretanto, a realidade ainda é a falta de formação para profissionais que promovam acessibilidade no contexto educacional básico, tanto para o intérprete de Libras quanto para os professores de alunos surdos.

No contexto da Educação a Distância (EaD), temos ferramentas como *softwares* educativos, objetos de aprendizagem e tecnologias assistivas, que ajudam a promover acesso ao conteúdo educacional pelo aluno surdo. Na EaD, um dos objetos de aprendizagem utilizados em diferentes ambientes virtuais são as videoaulas, e para que o público surdo tenha acesso a esse conteúdo, se faz necessário acessibilizá-las, tanto com a tradução Português-Libras, por meio da janela de Libras, quanto com o recurso da Legendagem para Surdos e Ensurdecidos¹ (LSE), o que permitiria acessibilidade ao material que está disponível em língua portuguesa oral.

¹ Segundo Neves (2005, p. 83) Ensurdecido é a pessoa que tem de leve a moderada perda auditiva (algo em torno de 15 a 60db).

O foco deste estudo concentra-se na LSE em videoaulas nas plataformas de EaD promovidas pelo Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação Dell (LEAD). A LSE pode ser definida como uma modalidade de tradução audiovisual, que pode ser: interlinguística, entre duas línguas distintas; intralinguística, dentro da mesma língua; e intersemiótica, dos elementos acústicos para o verbal escrito, como a tradução dos efeitos sonoros. Ainda que a LSE guarde semelhanças com o tipo de legenda conhecido como *closed caption*, é importante que se faça a distinção de que, enquanto este se trata de uma modalidade de transcrição da fala, a LSE já é uma modalidade de tradução por si só, visto que não necessariamente reproduz a fala palavra a palavra, permitindo estratégias e modificações.

Dentro desse contexto, nosso objetivo é apresentar um estudo de caso sobre a adaptação dos parâmetros, em relação aos já convencionados à legendagem, na elaboração da LSE das videoaulas do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da plataforma de ensino a distância *Dell Accessible Learning*, doravante DAL.

É significativo ressaltar o papel social deste estudo, se considerarmos a importância de acessibilizar o conteúdo audiovisual na EaD, pois a divulgação dos dados deste poderão auxiliar na elaboração de videoaulas acessíveis, por meio da LSE, além de auxiliar diretamente o profissional que trabalha na elaboração de legendas (o legendista) com a análise sobre esse determinado contexto de produção de legendas. Academicamente, este estudo se justifica por enriquecer o estado da arte, ao somar-se às pesquisas desenvolvidas no âmbito da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), especificamente relacionadas à LSE, que têm um sólido histórico de serem desenvolvidas no Laboratório de Tradução Audiovisual (LaTAV), localizado no Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Para o presente estudo, foram levados em conta na atividade de legendagem presente na análise deste artigo os parâmetros técnicos, linguísticos e tradutórios em legendagem presentes no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (2016), doravante Guia, além de outros parâmetros estudados pelas pesquisas que serão referenciadas aqui neste estudo.

2 Fundamentação Teórica

Nesta seção, apresentaremos uma síntese sobre as pesquisas que embasam este artigo e que nos auxiliaram na análise dos parâmetros da LSE das videoaulas.

2.1 Educação a Distância (EaD)

A EaD é uma modalidade de educação, na qual o aluno que se encontra impossibilitado de frequentar uma escola ou instituição de ensino superior nos moldes regulares possa ter acesso a educação de qualidade. São diversos os motivos que ocasionam essa dificuldade de acesso, tais como moradias em localidades mais afastadas dos centros educacionais, o ritmo acelerado do dia a dia, a necessidade de conciliação com os horários de trabalho.

Embora venha sendo aplicada ao contexto pedagógico nas últimas décadas, pode-se ver os primórdios da EaD desde civilizações passadas. Na Grécia e Roma antigas, novos conhecimentos eram compartilhados entre membros da sociedade por meio de correspondências. No século XVII, era comum que as descobertas produzidas no período da Revolução Científica (1543 – 1687) fossem transmitidas através de cartas e da imprensa (Ronan, 1987). Já no século XX, o período do fim da Primeira Guerra Mundial marcou a implementação de novos sistemas de ensino, como a própria EaD, visto que o povo clamava por educação. Ainda no século XX, o rádio foi uma mídia pioneira na transmissão de conteúdos educacionais em países da América Latina, como Brasil, Colômbia, México e Venezuela (Oliveira, 2010).

No Brasil, especificamente, as primeiras manifestações de EaD ocorreram no século XX, com cursos profissionais que eram ministrados por meio de cartas². Em 1904, temos o primeiro registro conhecido no país, que se tratava de um curso de datilografia, no qual eram enviados materiais impressos como guias de estudos, exercícios, etc. via correio³. Posteriormente, em 1923, a Rádio Sociedade, do Rio de Janeiro, trouxe o ensino para o sistema de rádio⁴. Entre os conteúdos organizados por Edgar Roquette-Pinto, havia cursos, atividades e palestras em áreas científicas, como física, química e botânica; além de programas culturais, que abordavam desde agricultura a literatura⁵. Já nos anos 70, em 1978, especificamente, foi criado pela Fundação Roberto Marinho o já conhecido pelo público brasileiro Telecurso 2000. Esse curso primeiramente contemplava somente os alunos do ensino médio, mas que veio a atender também a estudantes do ensino fundamental⁶.

² O Jornal do Brasil, em 1904, compartilhou um anúncio nos classificados sobre um curso de datilografia (para usar máquina de escrever) por correspondência.

³ Fonte: <https://www.ead.com.br/ead/como-surgiu-ensino-a-distancia.html>.

⁴ Para Edgar Roquette-Pinto, “o rádio era a escola de quem não tinha escola”. Com isso, a Rádio Sociedade insistiu em transmitir, via recursos sonoros, o melhor, dentro do que era possível naquela época, da educação e da cultura para os brasileiros.

⁵ Fonte: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/R%C3%81DIO%20SOCIEDADE%20DO%20RIO%20DE%20JANEIRO.pdf>

⁶ Fonte: <http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/09/telecurso-ha-mais-de-30-anos-investindo-em-educacao-distancia.html>.

A partir do século XXI, no entanto, novos instrumentos vêm sendo utilizados pela EaD, principalmente por meio de aparelhos eletrônicos. Em 1946, tivemos o surgimento do computador; mas foi a partir de 1969, com o advento da internet, que o conhecimento e a informação se globalizaram. A EaD, então, precisou se reinventar, de modo a acompanhar a evolução da própria tecnologia, como abordaremos a seguir.

Rosenberg (2007) defende como ferramenta importante para a EaD o uso da chamada web 2.0. O conceito se trata de uma nova fase na história da internet. Em seus primórdios, o usuário meramente buscava um conteúdo, se utilizava deste, e fechava a página. Já a web 2.0 tira o internauta desse estado de passividade, tornando o estudante parte efetiva no compartilhamento de informações, o que se dá por meio da interatividade fornecida por recursos como blogs, wikis, fóruns, plataformas de vídeos e redes sociais.

De acordo com Rosenberg (2007), a web 2.0 se aplica à EaD, nessa interatividade que ela promove, visto que proporciona uma educação que não se resume à simples recepção de conteúdo, mas que propõe que o próprio estudante seja um participante ativo na produção de conhecimentos, e que haja uma maior troca entre professor e aluno, e mesmo entre alunos.

Escolhemos tratar dessa modalidade educacional, pois as circunstâncias que citamos acima como possíveis motivos para se optar pela EaD se aplicam também a pessoas com deficiência. Sendo assim, investigamos aqui um modo de colaborar com a inclusão desse público, mais especificamente, a comunidade surda.

2.2 Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE)

Dentro dos Estudos da Tradução, a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) é reconhecida como tal com base na concepção de Jakobson (1995), que propôs três vertentes da tradução: interlinguística (texto de partida e chegada em línguas diferentes); intralinguística (texto de partida e chegada na mesma língua); e intersemiótica (texto de partida e chegada em meios semióticos diferentes, do visual para o verbal ou vice-versa). A LSE, portanto, se enquadra como tradução intersemiótica, visto que traduz o canal sonoro para texto escrito.

Assim sendo, entende-se que a LSE é uma modalidade de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), pois permite ao público com surdez total ou parcial acesso à informação que é veiculada oralmente em produtos audiovisuais, tais como: filmes, novelas, séries, videoaulas, dentre outros. Além de contemplar as falas dos personagens, esse tipo de legenda contempla outros recursos

presentes na língua oral e que não podem ser compreendidos apenas com a tradução das falas dos personagens em vídeo.

São características que distinguem esse tipo de legendagem daquela produzida para o público ouvinte, a saber: a identificação dos falantes (explicitação do nome do personagem que detém o turno de fala em tela) e tradução dos efeitos sonoros (música e ruídos) e das características prosódicas da fala.

Além dessas informações adicionais paralinguísticas presentes na LSE, questões de ordem técnica e concepções distintas de tradução são aspectos que diferenciam a LSE da legendagem para ouvintes (ARAÚJO, 2004, 2007, 2008; NASCIMENTO e ARAÚJO, 2011).

De acordo com o Guia (2016), as questões tradutórias da LSE estão relacionadas à operacionalização dos parâmetros técnicos e linguísticos de uma legenda, e devem ser pensados simultaneamente. Para esse fim, é preciso que no momento da tradução, o profissional se atente aos parâmetros técnicos e linguísticos, como velocidade da legenda, número de linhas, caracteres por linha, formato, posição das legendas, convenções linguísticas, redução, explicitação, segmentação etc. no momento da tradução.

2.2.1 Parâmetros Técnicos da LSE

No que diz respeito às questões técnicas, a LSE deve apresentar parâmetros relativos a: número de linhas, velocidade, formato, marcação (início e final das legendas), duração, convenções e posição das legendas. Em relação ao número de linhas, empresas de legendagem adotam que a legenda deve ter no máximo duas linhas, as quais devem ter no máximo 37 caracteres cada uma.

Pesquisas experimentais com rastreador ocular atestaram que existem três velocidades de leitura que permitem que o espectador acompanhe a leitura das legendas com o áudio e as imagens do filme: 145 palavras por minuto (ppm), 160 ppm e 180 ppm (D'YDEWALLE, et al. 1987). Diaz Cintas e Remael (2007) transformaram essas medidas em caracteres por segundo (CpS), para facilitar o trabalho do profissional responsável por elaborar as legendas.

Em relação ao formato da LSE, a legenda pode apresentar três formas. Na primeira, a porção de texto é distribuída de maneira que sejam exibidos quase o mesmo número de caracteres para as duas linhas, tendo um formato semelhante a um retângulo. No segundo e no terceiro formato, aparecem mais caracteres na linha de cima ou na linha de baixo, respectivamente, lembrando uma pirâmide (ARAÚJO e ASSIS, 2014). A seguir, o Quadro 1 ilustra esses três diferentes tipos de

formatos.

Quadro 1 – Formato das legendas

Em forma de retângulo.
Em forma de pirâmide invertida com a linha de cima maior.
Pirâmide com a linha de cima menor.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

A marcação inicial e final de uma LSE tenta seguir os ritmos da fala da videoaula, programa, série, filme, etc. De acordo com Diaz Cintas e Remael (2007), períodos longos podem ser reduzidos, enquanto que períodos curtos podem ser agrupados.

Segundo Diaz Cintas e Remael (2007, p.102), como qualquer texto escrito, a legendagem apresenta convenções lexicais e tipográficas. Algumas convenções se assemelham às de qualquer texto escrito e outras são características da legendagem. O Quadro 2 traz uma comparação entre o uso de alguns sinais de pontuação em textos escritos convencionais e em textos legendados. A pontuação está entre as convenções mais utilizadas no Brasil.

Quadro 2 – A pontuação na legendagem

Sinal de Pontuação	Texto Escrito Convencional	Legendagem	Exemplo
Vírgula	Indica pausa ou apostro	<p>Uso igual, se a vírgula vier dentro da mesma legenda. (Ex.1)</p> <p>Entre legendas, ela é desnecessária, porque a transição de uma legenda para outra já indica pausa. (Ex.2)</p>	<p>Ex.1</p> <p>Em todo caso, vou te mandar um outro artigo.</p> <p>Ex.2</p> <p>Nossa, já foi complicado pra gente que estava ali perto imagino pra você.</p>



Ponto final	Indica fim de pensamento.	Indica que não há continuação na legenda.	Ex.3 Não terá equipamento pra todos.
Dois pontos	Introduz ou anuncia algo.	Uso igual.	Ex.4 Ficamos com as mãos na cabeça, pensando: "para aonde vou?".
Aspas	Reproduz as exatas palavras de alguém.	Uso Igual.	Ex. 5 Ele disse: "quer vender?" Eu disse não.
Exclamação	Dá ênfase para indicar raiva, ironia, surpresa, alegria ou desgosto.	Deve ser usado somente se for extremamente necessário para que a pontuação não perca a força. Na maioria das vezes, as imagens já dão o efeito emotivo.	Ex.6 Se devolver, o Ruço não me deixa com ele!
Interrogação	Sinaliza uma pergunta.	Uso igual	Ex.7 Será que estão tentando adivinhar o que sentimos?
Travessão	Indica diálogo.	Sinaliza que duas pessoas estão falando na mesma legenda. Ao contrário do texto escrito convencional, a próxima palavra encosta na pontuação, porque o espaço conta como um caráter.	Ex. 8 -Eu não consigo movê-la. -Agente firme, pelo amor de Deus!
Três pontos	Pensamento inconcluso.	Geralmente, só se usa para indicar hesitação	Ex.9 Eu... Eu não sei.

Fonte: Guia (2016).

Pesquisas de recepção com surdos, realizadas pelo grupo LEAD - UECE (FRANCO e ARAÚJO, 2003; ARAÚJO, 2004, 2007, 2008, 2012; NASCIMENTO e ARAÚJO, 2011) afirmaram que a LSE veiculada no Brasil não satisfaz o público, e com isso, essas pesquisas têm auxiliado na melhoria de parâmetros da LSE, que contemplem as necessidades dos surdos brasileiros. Entre esses parâmetros definidos por surdos de várias regiões do Brasil, estão: i) a identificação de falantes e os efeitos sonoros devem aparecer entre colchetes; ii) a voz filtrada (voz fora da tela, vinda da televisão, vinda do rádio etc.) deve apresentar-se em itálico; e iii) a linguagem utilizada deve ser o português formal. Esses parâmetros, contudo, ainda não são regularmente colocados em prática na LSE que é veiculada no Brasil.

2.2.2 Parâmetros Linguísticos da LSE

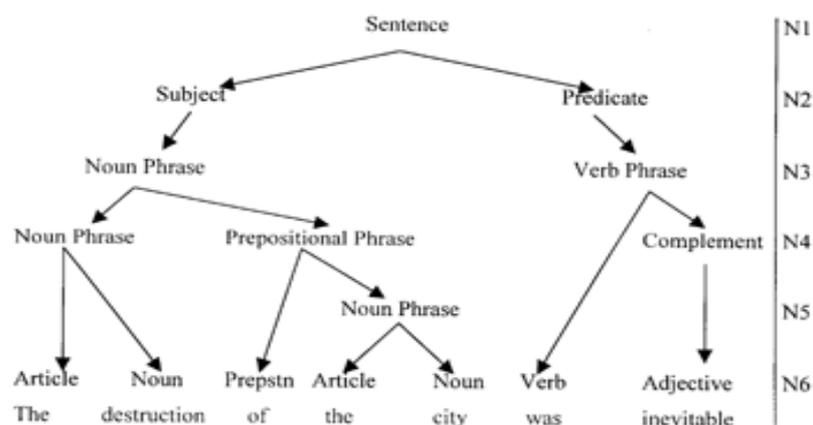
Para se elaborar uma LSE confortável para o espectador, é necessário, além de atender a parâmetros técnicos, fazer edições linguísticas. As edições linguísticas são as manipulações no texto audiovisual relacionadas à segmentação da fala em blocos semânticos, à redução da informação textual e à explicitação de informações sonoras, aquelas depreendidas pelo canal auditivo, como efeito sonoros e a identificação de falantes (GUIA, 2016).

A segmentação está relacionada à divisão do texto e das legendas. Sobre a segmentação, segundo Ivarsson e Carroll (1998, p. 74), qualquer irritação ou inconsistência experienciada pelos espectadores atrasa o processo de compreensão e faz dispersar do foco principal, o filme em si. De acordo com Reid (1990), a segmentação pode acontecer de três formas: pela gramática (pautada pela sintaxe), pela retórica (pautada pelo ritmo da fala), ou pelo visual (pautada pelo que acontece na cena, como cortes, mudanças de ângulo etc.). Em relação à segmentação pautada pela gramática, os pesquisadores do grupo LEAD em suas pesquisas, incluindo os presentes autores, substituem pelo termo 'linguística', já que esse tipo não envolve somente a gramática, ou seja, o léxico e a sintaxe, mas também a semântica.

A segmentação pode ocorrer em dois níveis. O primeiro acontece nas divisões das linhas dentro da mesma legenda, chamado de “quebra de linha” (*line break*) e o segundo acontece nas divisões entre duas ou mais legendas (DIAZ CINTAS E REMAEL, 2007, p. 173). Karamitroglou (1998), sugere que a divisão do texto seja feita no mais alto nível sintático possível. Para Diaz Cintas e Remael (2007, p. 173), o proposto por Karamitroglou (1998) resume que se a segmentação não for

boa, os leitores farão um esforço maior para decodificar o texto e, conseqüentemente, poderão se cansar mais rapidamente do produto audiovisual. A seguir, a árvore sintática proposta pelo autor:

Fig. 1 – Árvore sintática para explicar a segmentação



Fonte: Karamitroglou (1998)

Essa árvore sintática é constituída de seis nós ou construções sintáticas, sendo que o 1º representa a oração completa e o 6º representa as palavras ou morfemas. Com os exemplos será possível entender melhor o que significa o mais alto nível sintático possível.

A construção analisada na árvore é *The destruction of the city was inevitable* (Em português: A destruição da cidade foi inevitável). No primeiro nó (N1), a oração está constituída de sujeito e predicado:

The destruction of the city was inevitable

A segmentação no segundo nó (N2) criaria duas linhas de legenda nos mais altos níveis sintáticos possíveis formados pelos sintagmas nominal e verbal, respectivamente (N3):

The destruction of the city
was inevitable

A segmentação no quarto nó (N4) é formada pelo sintagma nominal e preposicional. O sintagma preposicional também possui dentro seus constituintes um sintagma nominal, localizado no N5:

The destruction
of the city was inevitable

E por fim, a segmentação no sexto nó (N6) se encontra no nível lexical, permitindo que a legenda seja dividida em qualquer ponto da construção:

The/ destruction/ of/ the/ city/ was/ inevitable

Dos exemplos dados, a segmentação igualmente representada em (N2) e (N3) se configura como a que promove melhor leitura, por conta de um menor esforço, pois a linha de cima contém um nível sintático completo (sintagma nominal) e a linha de baixo contém outro nível sintático completo (sintagma verbal). Na árvore, a nomenclatura do (N2) consiste em sujeito e predicado e a do (N3) consiste em sintagmas nominal e verbal.

Continuando com as edições linguísticas da LSE, é importante debater sobre a redução ou condensação textual nesse tipo de legenda. Para os legendistas, nem sempre será possível traduzir tudo aquilo que está sendo dito, pois é possível que o espectador não consiga harmonizar imagem e legenda. Por isso, quase sempre é necessário reduzir o texto das legendas, para que elas tenham a velocidade similar às velocidades de leitura. A redução linguística está ligada ao parâmetro técnico de velocidade da legenda (GUIA, 2016).

Relacionado à identificação dos falantes e aos efeitos sonoros, é importante que essas informações venham dentro de colchetes. Em relação à identificação dos falantes, pesquisas de recepção realizadas pelo grupo LEAD - UECE (FRANCO e ARAÚJO, 2003; ARAÚJO, 2004, 2007, 2008; ARAÚJO e NASCIMENTO, 2011) afirmaram que é complicado para os surdos distinguirem quem está falando em cena. Já a identificação dos efeitos sonoros, é importante porque fornece ao público pistas que ajudam a compor o espaço do filme.

O entendimento dos parâmetros é importante para acompanhar a análise dos dados deste artigo. Os parâmetros da legendagem levados em conta nesta pesquisa costumam ser discutidos nas pesquisas em legendagem e também estão presentes na seção sobre Legendagem do Guia (2016), no qual é descrita uma legenda (para surdos ou ouvintes) que seria aquela preconizada por pesquisadores da área tanto nacionais quanto internacionais.

2.2.3 LSE e Videoaulas

Naturalmente, videoaulas são recursos audiovisuais. Considerando que os conteúdos serão transmitidos por um professor falando – quer ele apareça visualmente, ou através apenas de narração em *voice off* – o público surdo precisará de algum recurso que torne essas informações acessíveis. Dois dos métodos mais utilizados para tanto é a janela de Libras, onde um intérprete traduz as falas na Língua Brasileira de Sinais, e a LSE.

Embora seja um campo de estudos relativamente novo, ainda há uma boa quantidade de pesquisas em expansão na área da LSE. Entretanto, essas pesquisas geralmente tem um viés de acesso à cultura, visto que os *corpus* abordados nas mesmas tendem a ser de gêneros voltados para peças culturais, tais como filmes, novelas, seriados e teatro. Tendo isso em mente, a presente pesquisa busca preencher uma lacuna no campo, que é a muito necessária inclusão social promovida pelo uso da LSE em um contexto da educação, por meio de vídeos instrucionais para pessoas surdas.

Pesquisar a utilização da LSE em videoaulas se torna particularmente necessário, pois as várias pesquisas citadas anteriormente trazem consigo parâmetros que, ainda que extremamente importantes e reveladores, foram considerados insuficientes para o gênero videoaula. Percebeu-se na prática diária de tradução de videoaulas, realizada pelos presentes autores, que esses parâmetros funcionam bem dentro dos respectivos gêneros estudados, mas que a grande densidade de informações contidas em uma videoaula faz com que o conteúdo não possa ser “resumido”, como uma obra artística permitiria; cada detalhe pode ser responsável pelo sucesso ou falha do estudante na absorção de conhecimentos.

Tendo isso em mente, os presentes autores objetivam apresentar neste estudo de caso as estratégias de tradução utilizadas na elaboração da LSE dos vídeos instrucionais do AVA da plataforma de ensino a distância DAL. Esses novos parâmetros e estratégias podem vir a dar conta da tarefa hercúlea de não apenas transmitir conteúdos para o público surdo, mas muni-lo dos conhecimentos que o curso queira passar, fornecendo uma verdadeira inclusão do surdo na educação de qualidade.

3 Metodologia

Este estudo teve como suporte teórico-metodológico os estudos em TAVa, especificamente em LSE (IVARSSON e CARROLL, 1998; KARAMITOGLOU, 1998; DIAZ-CINTAS e REMAEL, 2007; NEVES, 2007), de modo a embasar uma metodologia que envolveu uma análise descritiva, de caráter qualitativo, da LSE das videoaulas disponíveis nos cursos da plataforma de ensino a distância

DAL. Sendo assim, não relatamos aqui participantes ou horas de pesquisa por se tratar de um relato de experiência, com base na nossa prática diária de trabalho com a acessibilização de materiais audiovisuais, focando no objeto de aprendizagem videoaula, no caso desta pesquisa.

3.1 Contexto de pesquisa e *Corpus*

O trabalho proposto neste estudo toma como ambiente de análise as videoaulas da plataforma acessível de EaD da empresa multinacional Dell Technologies. Denominado Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação Dell (LEAD), o laboratório está instalado na cidade de Fortaleza e se estrutura em parceria com a UECE. Suas pesquisas estão voltadas a propor soluções em prol de um ambiente virtual acessível para pessoas com diferentes tipos de deficiências.

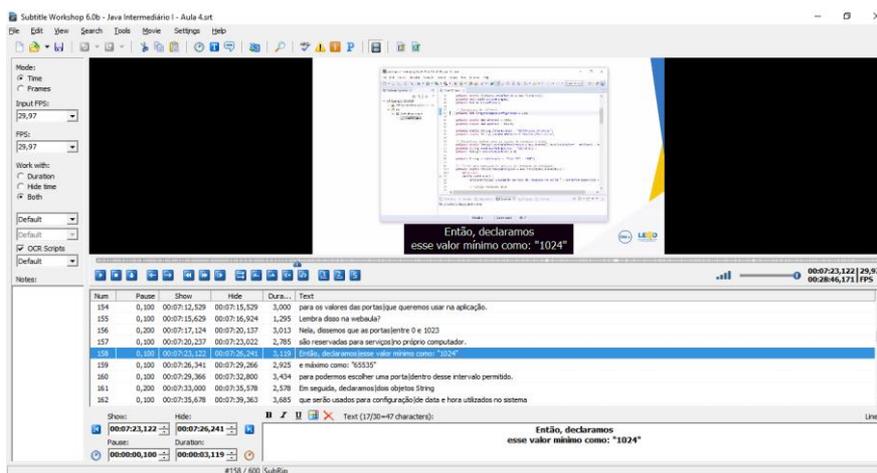
O *corpus* aqui analisado é formado por legendas do tipo LSE das videoaulas de cursos disponíveis no AVA da plataforma DAL. Os cursos se concentram na área de programação em Java, e as videoaulas possuem um método de apresentação do conteúdo por meio de narração em *voice off*. Essas videoaulas nos chamaram atenção, devido à grande quantidade de conteúdo exposto nas explicações em um curto tempo de duração. Na seção de análise do artigo, retomaremos esse assunto.

3.2 Procedimentos e Instrumentos

Para a elaboração das legendas, nos utilizamos da versão 6.0b do *software* gratuito Subtitle Workshop⁷. O programa, que teve como objetivo inicial ser utilizado na criação de *fan subs*, que são legendas não oficiais, feitas por legendistas que, embora não tenham carreiras formalizadas, fornecem acesso a legendas bem parametrizadas. O programa acabou sendo bastante divulgado, e hoje em dia é utilizado até por empresas de renome, como no caso da seguinte pesquisa, onde os presentes autores fazem uso do Subtitle Workshop em suas atividades diárias de tradução para LSE das videoaulas encontradas no AVA da plataforma DAL. A Fig. 2 mostra uma captura de tela da interface do programa.

Fig. 2 – Interface do Subtitle Workshop 6.0b

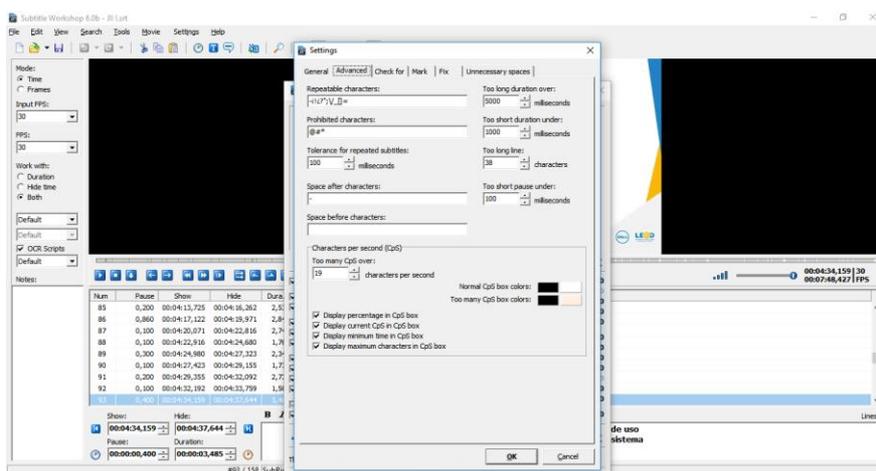
⁷ Escolhemos o Subtitle Workshop 6.0b por ser um *software* livre muito usado por legendistas e por empresas voltadas a essa área aqui no Brasil.



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Essa captura de tela mostra o Subtitle Workshop em funcionamento, com uma videoaula sendo legendada. No topo, temos a barra de ferramentas, onde ficam as funcionalidades do programa. Abaixo, localiza-se o reproduzidor do vídeo que será legendado, com sua respectiva legenda em andamento. Logo abaixo, ficam as funcionalidades mais imediatas de uso do tradutor, como os botões de play, pause, stop e onde ele marca o tempo de entrada (quando começa) e de saída (quando termina) daquela inserção de legenda. A Fig. 3 mostra uma captura de tela da área de configurações do programa.

Fig. 3 – Configurações do Subtitle Workshop 6.0b



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Na imagem, vemos a área onde o legendista alimenta o programa com os parâmetros técnicos

em que sua legenda se baseará. Entre eles, podemos inserir a duração mínima e máxima de cada inserção de legenda, quantos caracteres podem conter em cada linha, a pausa mínima entre uma inserção e outra, e a quantidade máxima de CpS. Na próxima seção, analisaremos como os parâmetros apresentados até aqui influenciaram nossa prática diária de trabalho.

4 Análise

Nesta seção, apresentaremos a discussão da análise sobre as estratégias de tradução utilizadas para que as videoaulas do AVA da plataforma DAL apresentassem uma LSE confortável, visto que esses materiais instrucionais da plataforma nos chamaram atenção, devido à grande densidade lexical. Os materiais se caracterizam por apresentarem blocos de fala muito extensos, onde o professor responsável por transmitir o conteúdo aglutina diversos tópicos em pouco espaço de tempo, o que dificultou o processo de elaboração da LSE. Doravante, seguiremos com a análise feita durante esse processo.

Em relação aos parâmetros técnicos utilizados pelos presentes autores, alimentamos o programa Subtitle Workshop 6.0b com os seguintes parâmetros:

1. 1000 milissegundos (um segundo) de duração mínima;
2. 5000 milissegundos (cinco segundos) de duração máxima;
3. 100 milissegundos de pausa mínima;
4. 19 caracteres por segundo (CpS).

Quando definimos esses padrões no *software*, o programa nos alerta, no momento da criação das legendas, quando ultrapassamos os parâmetros desejados. Dessa maneira, conseguimos identificar rapidamente se uma inserção de legenda necessita de reformulações e, assim, podemos pensar em quais estratégias cabem no processo tradutório desta.

Em relação aos tópicos 1 e 3, utilizamos os parâmetros já convencionados na legendagem. Quando estabelecemos os 1000 milissegundos, esse é o tempo mínimo desejado para que uma LSE permaneça em tela e, quando aplicamos 100 milissegundos de pausa mínima, essa pausa se refere ao intervalo de exibição entre uma inserção e outra.

Quanto ao segundo tópico, pode-se argumentar que pesquisas realizadas na Europa (D'YDEWALLE et al., 1987; DIAZ-CINTAS e REMAEL, 2007) já traziam um tempo máximo de

duração maior do que a presente pesquisa traz, visto que aquelas preconizam legendas de até 6000 milissegundos, e nesta pesquisa propomos 5000 milissegundos. A questão é que no Brasil, os profissionais em legendagem seguem os parâmetros estabelecidos pelo projeto MOLES⁸ (Araújo, 2012) e pelo Guia (2016), sendo, assim, orientados a elaborarem as legendas com o tempo máximo de exibição em tela de 4000 milissegundos.

No entanto, em nossa prática de trabalho, sentimos a necessidade de aumentar o tempo máximo de duração da LSE em tela para 5000 milissegundos. Isso se deu pelo que foi mencionado anteriormente sobre a densidade lexical das videoaulas. Por demonstrarem essa característica, as legendas apresentam uma velocidade alta (180ppm) e nós, como tradutores, não estávamos conseguindo transpor a grande quantidade de informações trazidas em tão pouco tempo.

E, por fim, o tópico 4 traz a quantidade máxima de CpS, que deveriam ser de 18. No entanto, para que o conteúdo da videoaula não se tornasse enfadonho, os locutores traziam para suas falas uma alta carga de velocidade, de modo a manter a aula mais dinâmica. Essa característica, em par com a grande densidade lexical, fez com que tivéssemos que aumentar a tolerância de CpS para 19, pois não conseguíamos harmonizar as questões técnicas da legendagem, como a quantidade máxima de CpS, com as questões linguísticas, como a segmentação apropriada de elementos da legenda. Esta última torna-se extrema importante, pois, como as pesquisas de Vieira (2016) e Monteiro (2016), ambas no âmbito do projeto EXLEG⁹, e Chaves (2017) já demonstraram, o fato de uma legenda ter alta velocidade não é algo problemático, desde que a segmentação linguística esteja feita corretamente, de modo que a leitura da legenda se torne confortável.

Em nossa prática, conseguimos apaziguar as problemáticas discutidas acima, com a readequação dos parâmetros já estabelecidos pelos propostos nesta pesquisa, mas, ainda assim, precisamos de soluções criativas para adaptar legendas que, mesmo seguindo esses parâmetros mais flexíveis, ainda seriam densas demais para o conforto do espectador.

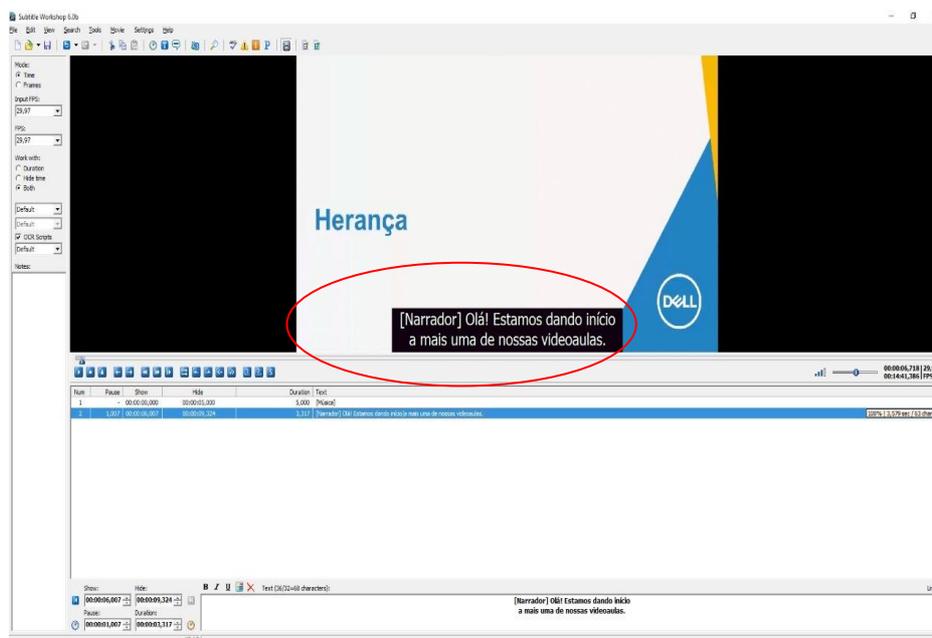
Essas soluções são as estratégias de tradução da redução, como a remoção de marcas da oralidade desnecessárias ao conteúdo; ou condensação, que permite ao legendista modificar itens lexicais de uma frase para outros de sentido semelhante, de modo que se diminua a quantidade de

⁸ Título do projeto: LEGENDAGEM PARA SURDOS: EM BUSCA DE UM MODELO PARA O BRASIL. O projeto teve como objetivo explorar a recepção de LSE de curtas-metragens por surdos brasileiros, tendo como foco o parâmetro técnico da velocidade.

⁹ Estudos Experimentais em Legendagem: análise da velocidade e da segmentação. O EXLEG tem como objetivo verificar a influência dos problemas de segmentação em legendas de velocidade lenta (145ppm) e de velocidade alta (180ppm) sobre a recepção de LSE por surdos e ouvintes brasileiros, a partir de rastreamento ocular.

caracteres daquela legenda, mas sem que se perca nenhuma informação ou a carga da mesma. Vejamos a análise de algumas estratégias de tradução usadas no seguinte exemplo descrito logo abaixo.

Fig. 4 – Tela principal do *Subtitle Workshop 6.0b*



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Na Fig. 4, temos a tela principal do programa, no momento inicial da elaboração da LSE. Analisaremos o bloco textual de apresentação, no qual o professor faz uma introdução à videoaula.

[Narrador] Olá! Estamos dando início
a mais uma de nossas videoaulas.

Essa transcrição de fala, juntamente com a identificação do falante, pode ser vista em destaque na imagem. Desse modo, essa legenda apresenta 68 caracteres, para um tempo de 3,317 milissegundos em tela. De acordo com os parâmetros técnicos de legendagem sugeridos por Diaz Cintas e Remael (2007), essa duração permite que a legenda contenha, no máximo, 63 caracteres, considerando a velocidade de 180ppm. Considerando isto, para que a legenda se adequasse aos parâmetros estabelecidos, fizemos a escolha a seguir:

[Narrador] Olá! Estamos iniciando
mais uma de nossas videoaulas.

Utilizando a estratégia de condensação, modificamos os itens lexicais “dando início à” para “iniciando”, de modo que conseguimos reduzir de 68 para 63 caracteres, mantendo a carga semântica do tempo verbal. Conseguimos, também, segmentar esse bloco de fala como o desejado pelos parâmetros linguísticos de segmentação (Araújo, 2015). Ao finalizar a primeira linha de legenda com o sintagma a verbal “Estamos iniciando”, seguimos para a linha seguinte com o sintagma nominal, formado pelo especificador + substantivo “mais uma de nossas videoaulas”. Podemos notar que o especificador “mais uma de nossas” refere-se ao substantivo “videoaulas”, permanecendo assim, juntos em uma mesma linha de legenda.

Podemos complementar, ainda utilizando este exemplo, o caso do aumento de 18 CpS para 19 CpS. Como já mencionado anteriormente neste artigo, as videoaulas que estamos analisando aqui se caracterizam por apresentarem blocos densos de fala, e isso se dá pelo modo como o conteúdo é explanado. Por mais que o professor elabore previamente um roteiro de fala, o que acontece é que na hora da gravação do vídeo, ele adiciona muito mais itens lexicais do que estava programado. A título de exemplo, nesta parte introdutória, o professor ainda não começou a abordar o assunto, porém, ele objetiva atrair a atenção do aluno e pontuar os assuntos que serão tratados durante à aula. O que costuma ser programado em tópicos no roteiro, se transformam em blocos de fala extensos, que faz com que o legendista, no momento da elaboração da LSE, se utilize de estratégias tradutórias, para que não se perca nenhuma informação importante. Como percebemos que isso ocorria frequentemente em todas as videoaulas, os 18 CpS não eram suficientes, e vimos a necessidade de flexibilizar esse parâmetro. Trabalhamos, então, com o parâmetro de 19 CpS.

Consequentemente, com as nossas escolhas tradutórias, conseguimos harmonizar os parâmetros técnicos e linguísticos com a adaptação desses parâmetros referidos. Vale ressaltar que, os parâmetros modificados para a análise deste estudo de caso não foram testados. Nós, autores deste artigo, ao trabalharmos como legendistas desses vídeos instrucionais, notamos a necessidade das mudanças dos parâmetros, porém sabemos que é imprescindível que sejam realizadas mais pesquisas dentro desse contexto para corroborarem, ou não, as mudanças propostas.

5 Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo propor novos parâmetros de LSE, embasados na prática de elaboração das legendas das videoaulas do AVA da plataforma de ensino a distância DAL. Essas modificações foram feitas em relação aos parâmetros técnicos e as estratégias utilizadas já convencionadas em LSE (IVARSSON e CARROLL, 1998; KARAMITOGLOU, 1998; DIAZ-CINTAS e REMAEL, 2007; NEVES, 2007), publicadas no Guia (2016) e em pesquisas acadêmicas, como as de ARAÚJO e NASCIMENTO (2011); CHAVES (2012); GABRIEL (2013); ARAÚJO e ASSIS (2014); ARRAES (2015); FRANCO e CHAVES (2015); ARAÚJO, 2015; e VIEIRA et al, (2015). O Guia (2016) foi desenvolvido para que os legendistas pudessem, além de conhecer e ter acesso a um resumo das pesquisas da área, seguir um padrão na elaboração da LSE com as orientações repassadas, sempre pensando nas necessidades e conforto dos surdos e ensurdecidos.

A análise apresentada neste artigo, abre a possibilidade para que futuramente sejam realizadas pesquisas descritivas, no contexto educacional, a fim de verificar se as problemáticas mostradas nesse *corpus* se repetem em outros vídeos instrucionais, o que corroboraria a necessidade de mudança nos parâmetros técnicos, como foi apresentado nesta pesquisa. Os parâmetros técnicos sugeridos aqui ainda não foram testados, apenas utilizados na nossa prática de trabalho como tradutores, devido à demanda de videoaulas do AVA da plataforma referida. Portanto, além de pesquisas descritivas, esses parâmetros podem ser testados em pesquisas exploratórias e experimentais, para verificar se os parâmetros aqui propostos são satisfatórios e se proporcionam um maior conforto no ensino de pessoas surdas e ensurdecidas, visto que a educação de qualidade é o primeiro e mais primordial passo na inclusão social dessa comunidade.

Referências

- ARAÚJO, V. L. S. **Closed subtitling in Brazil**. In: Topics in audiovisual translation. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004, v.1, 199-212.
- _____. **Subtitling for the deaf and hard-of-hearing in Brazil** In: Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language. Kenilworth:, Nova Jersey, EUA: Rodopi, 2007, v.30, 99-107.
- _____. **Por um modelo de legendagem para Surdos no Brasil**. In VERAS, V. (org.). Tradução e Comunicação, Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo: UN BERO, n. 17, p. 59–76, 2008.
- _____. **Legendagem para surdos: em busca de um modelo para o Brasil**. Relatório Técnico n. 306948/2008-7. Fortaleza: CNPq. Fev/2012.
- _____. **A segmentação na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): um estudo baseado em corpus (CORSEL)**. Relatório Técnico n. 306441/2011-0. Fortaleza: CNPq. Fev./2015.
- ARAÚJO, V. L. S; ASSIS, Í. A. P. **A segmentação linguística na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) de ‘Amor Eterno Amor’**: uma análise baseada em *corpus*. In: NOVODVORSKI, A.; FINATTO, M. J. B. (orgs.) Letras e Letras, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 156-184, jul/dez. 2014.
- ARAÚJO, V. L. S; NASCIMENTO, A. K. P. **Investigando parâmetros de legendas para Surdos e Ensurdecidos no Brasil**. Tradução em Revista, n. 11, p. 1-18, 2011. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/18862/18862.PDF>>. Acesso em 24 junho 2018.
- ARRAES, D. A. **Legendagem para surdos e ensurdecidos: análise baseada em corpus da segmentação linguística do filme “Virada Radical”**. 70 f. 2015. Monografia (Bacharelado em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.
- CENSO IBGE 2010. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>> Acesso em: agosto de 2018.
- CHAVES, É. G. **Legendagem para Surdos e Ensurdecidos: um Estudo Baseado em Corpus da segmentação nas legendas de filmes brasileiros em DVD**. 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza- CE, 2012.
- CHAVES, É. G. **Legendagem de Filmes em Língua Inglesa e Portuguesa: Análise dos Parâmetros de Segmentação e Velocidade de Legendas para Ouvintes**. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza- CE, 2017.
- DIAZ- CINTAS, J.; REMAEL, A. **Audiovisual Translation: Subtitling**. Manchester, UK, Kinderhook, N Y, UK : St. Jerome Publishing, 2007. ISBN : 978- 1900650- 95- 3/1- 900650 - 95- 9.
- D'YDEWALLE, G. et al. **Reading a message when the same message is available auditorily in another language: the case of subtitling**. In: O'REGAN, J.K.; LÉVY-SCHOEN, A. (orgs.). Eye Movements: From Physiology to Cognition. Amsterdã e Nova York: Elsevier Science Publishers, 1987, p. 313-321.
- EAD SENAC. **História da Educação a Distância inclui cursos por cartas e rádio**. Disponível em: <<<http://www.ead.senac.br/noticias/2013/08/historia-da-educacao-a-distancia-inclui-cursos-por-cartas-e-radio/>>>. Acesso em: agosto de 2018.
- FRANCO, E.; ARAÚJO, V. L. S. **Reading Television: Checking deaf people's Reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil**. In: GAMBIER, Y. (org.). The Translator, v. 9, n. 2, p.249- 267, 2003.
- FRANCO, R. P.; CHAVES, É. G. **Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE): Um estudo da segmentação linguística nas séries de TV brasileira**. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 14, n. 2, p. 247-265, 2015.

GABRIEL, M. H. C.. **A segmentação linguística na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE):** uma análise baseada em *corpus*. 2013. 59f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Estudos da Tradução) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

GUIA para Produções Audiovisuais Acessíveis (2016). Marco Legal – CPD; Portaria 310; plano nacional de cultura; leis 10.048 e 10.098, 5296/04; lei 10436/2002; - 5626/2005 decreto de Libras; instrução normativa ANCINE.

IVARSSON, J.; CARROLL, M.; **Subtitling. Simrishamm**, Suécia: TransEditHB, 1998.

JAKOBSON, R. **Aspectos linguísticos da tradução.** In: JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 63 -86.

KARAMITROGLOU, F. **A Proposed Set of Subtitling Standards in Europe.** *Translation Journal*, v. 2, n. 2, p. 1-15, 1998.

MONTEIRO, S. M. M. **Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e legendagem para ouvintes:** Um estudo sobre a segmentação e a velocidade na legendagem da campanha política de 2010. 2016. 232 f. Tese (Doutorado) – Programa em Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2016.

NEVES, J. **Audiovisual Translation: Subtitling for the Deaf and the Hard-of-Hearing.** 357f. Tese (Doutorado): Roehampton University, London, 2005.

NEVES, J. **Guia de legendagem para surdos.** *Vozes que veem*. Leiria, Portugal: Instituto Politécnico de Leiria, 2007.

NISKIER, Arnaldo. **Educação a Distância:** a tecnologia da esperança. S. Educação a Distância: Fundamentos e Políticas. Paulo: Loyola, 2000.

OLIVEIRA, K. C. B. **A História da EAD e a Possibilidade de Inclusão Social.** Disponível em: <<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/viewFile/2507/2459>>>. Acesso em: agosto de 2018.

REID, H. **Literature on the screen:** subtitle translation for public broadcasting. In: BART, W.; D’HAEN, T. (Eds.). *Something understood. Studies in Anglo- Dutch literary translation*. Amsterdam: Rodopi, p. 97- 107, 1990.

RONAN, Colin A. **Sobre o papel da imprensa na Revolução Científica do século XVII.** *História Ilustrada da Ciência*. Universidade de Cambridge. III - Da Renascença à Revolução Científica, 1987.

ROSENBERG, Marc J. **The future onf learning and E-learning.** *ELEARNING*, Lisboa 2007 – Conference Proceedings. Coordenação: Isabel Vilhena . Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação, Tipografia Guerra, Viseu, Lisboa: 2007

SUBTITLE Workshop. Sítio do programa. Disponível em: <www.urusoft.net>. Acesso em: março de 2018.

TECMUNDO. **O que é Web 2.0?** Disponível em: <<<https://www.tecmundo.com.br/web/183-o-que-e-web-2-0-.htm>>> Acesso em: agosto de 2018.

TELECURSO: há mais de 30 anos investindo em educação a distância. Disponível em: <<<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/09/telecurso-ha-mais-de-30-anos-investindo-em-educacao-distancia.html>>> Acesso em: agosto de 2018.

VERBETE. **Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.** Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/R%C3%81DIO%20SOCIEDADE%20DO%20RIO%20DE%20JANEIRO.pdf> Acesso em: julho de 2018.

VIEIRA, P. A. **A influência da segmentação e da velocidade na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE).** 2016. 244 f. Tese (Doutorado) – Programa em PósGraduação em Linguística Aplicada,

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2016.

VIEIRA, P. A.; ARAÚJO, V. L. S.; CHAVES, E. G.; MONTEIRO, S. M. M. **A segmentação na legendagem do documentário Globo Repórter: Uma análise baseada em corpus.** In: A tradução e suas interfaces: múltiplas perspectivas, p. 65 – 86, 2015. ISBN: 978-85-444-0440-9.

Submissão no site: agosto de 2018

Aceite: abril de 2020